

# ESBOÇOS CRÍTICOS SOBRE ABUSO SEXUAL: DOMINAÇÃO E SEXUALIDADE

Marcelo Moreira Neumann

---

**C**ada vez mais em nossa sociedade contabilizamos vítimas de abuso sexual, na maioria ocorrido dentro do lar e outros tantos fatos que acontecem na vizinhança, cometidos por pessoas conhecidas ou ocorrências de estupro perpetrado por desconhecidos. É notório que as vítimas são em grande parte crianças, adolescentes, de ambos os sexos e mulheres já adultas. Os “agressores” são homens, muitos casados e com emprego e outros são adolescentes e jovens na faixa de 14 a 21 anos.

Refletir sobre a temática sem destacar os milhares de anos de dominação na qual o homem ficou submetido, é evitar de falar sobre as contradições da própria civilização, visto que se confunde o desejo de dominar e de ser dominado. A ameaça que passou a ser perene, levou o homem a querer dominar a natureza para sua própria autoconservação e sobrevivência, mas do que isto o homem quis controlar tudo que estava ao seu alcance, séculos se passaram e homem aprendeu que para viver em civilização, teria que abandonar seu narcisismo original e se aliar aos outros, da mesma forma que o menino alia-se ao pai com medo da castração, assim o indivíduo entra na cultura através da repressão, podemos afirmar que Freud estava correto ao afirmar que a história do homem na terra é a história de sua própria repressão. Se para o pai da psicanálise isto está em evidência, Herbert Marcuse, em seu livro “Eros e Civilização” acrescenta que a sociedade industrial exerce formas específicas de dominação, e nomeia esta porção sempre excessiva de repressão como sendo mais-repressão:

“a) *Mais-Repressão*: as restrições requeridas pela dominação social. Distingui-se da *repressão* (básica): as ‘modificações’ dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização.”(19..., p.51)”.

Marcuse destaca que o princípio do prazer é contrário ao progresso da civilização, tendo em vista que o progresso perpetua a dominação e o trabalho excessivo e penoso. Os instintos de vida e de morte são afetados pela modificação dos instintos sob a preponderância do princípio de realidade. No entanto, o desenvolvimento do instinto de morte, só se torna compreensível com o desenvolvimento do instinto de vida, ou seja, da organização repressiva da sexualidade (função procriadora). No princípio do prazer que controla os instintos “não-organizados” do sexo, a reprodução é, um “subproduto”. O conteúdo primário da sexualidade é a “função de obter prazer a partir de zonas do corpo”; esta função foi colocada a serviço da reprodução. No entanto, o desenvolvimento do instinto de morte, só se torna compreensível com o desenvolvimento do instinto de vida, ou seja, da organização repressiva da sexualidade (função procriadora). No princípio do prazer que controla os instintos “não-organizados” do sexo, a reprodução é, um “subproduto”. O conteúdo primário da sexualidade é a “função de obter prazer a partir de zonas do corpo”; esta função foi colocada a serviço da reprodução.

Neste sentido encontramos na literatura, outro Frankfurtiano: Theodor Adorno, que contribui em muito para o entendimento de nossos objetos de análise. Para Adorno, o sexo em nossa cultura tornou-se integrado, pois foi incorporado com todos os valores da sociedade burguesa para fins de dominação. O que foi, o que é consentido passa pelo viés das instituições como a igreja e o estado; a administração do sexo é regada socialmente o que é bom ou mau, o que pode ou que não pode, desta forma o sexo é submetido tornando-se *dessexualizado*, pois retiram de si os elementos que compõem sua própria natureza. A permanente repressão sobre as pulsões sexuais dos indivíduos pode facilitar o aparecimento, aliado ao empobrecimento das experiências que permitem identificações com objetos idealizados, em personalidades autoritárias, que aderem facilmente a regimes totalitários, estes que possuem predisposição as fantasias persecutórias contra aqueles que são, na sua concepção, desviados sexualmente, projetam nos outros suas representações sexuais reprimidas; por outro lado existem aqueles que se adequam ao sexo integrado e submetido à genitália, com fins unicamente de reprodução; o sexo genital e uma redução da sexualidade é um forte aliado dos tabus sexuais existentes, pois suprime o instinto sexual, neste sentido Adorno, adverte:

“...los instintos sexuales puestos en juego en actividades consideradas perversas han sido empobrecidos, purificados de relación com los genitales, ensordecidos, llevados a una reducción. La dessexualización de la sexualidad debe ser entendida, psicodinamicamente, como aquella forma del sexo genital en que éste mismo se convierte en una fuerza que impone tábus y que aterroriza o suprime al instinto sexual...”

(Adorno, 96)

As instituições sociais que apregoa o sexo genital agem como repressivas, exageram sua aplicação, se utilizando o medo para obter o controle sobre a sexualidade dos indivíduos. O que vale é o sexo higiênico, asséptico como vemos nas campanhas contra as doenças sexualmente transmissíveis e em especial as campanhas contra as relações promíscuas, como ocorre com a AIDS- Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida, que reforçam os tabus já existentes. O indivíduo, se sente exigido e ameaçado a todo o momento entre as instituições poderosas e seu campo de ação, este temor coloca Adorno recorrendo a psicanálise, está associada a castração. Mas percebemos que atualmente os tabus sexuais são bem mais fortes; quando levamos a discussão para o campo da moral sexual, exemplo das prostitutas, os elementos postos ficam mais claros. Segundo os historiadores as prostitutas foram as primeiras trabalhadoras, que recebiam pela profissão de “vender o corpo”; elas são e foram perseguidas no sentido ambíguo da palavra, pois ao mesmo tempo que representam a liberdade sexual, por outro representam a imoralidade o “sexo sujo” e o “sexo sem amor”. Elas apontam para o Eros livre que satisfaz todos os desejos proibidos no matrimônio, portanto são escorraçadas, humilhadas, mas demonstram os desejos que o indivíduo pensa em realizar mas o são negados, ora pela própria mediação da sociedade que como falamos prega o sexo para a reprodução, ora é pela própria mulher que além de representar o sexo imposto mediado pela propriedade e pelos interesses sociais, não lhe possibilita a plena realização, visto também que a integração, um com o outro, é irreal e ilusória. Sendo assim o indivíduo está na busca desta plena realização, inverso a prostituta ele não tem consciência que vende seu corpo e seu espírito para os interesses sociais, age irracionalmente como se estivesse à deriva no mar; seus desejos são despotencializados pela cultura e submetidos aos ideais sociais de corpos perfeitos, de cabelos louros ou morenos, de sexo bem definido e de amor “erro-tizados”<sup>2</sup>. Sua vida sem sentido, que repete, reprisa, reprime, desensibiliza, o sexo prazeroso é o da televisão, das capas de revistas, é aquele que substitui a experiência pelo virtual ou pela idealização dos seres perfeitos e inatingíveis, aqueles que levam o indivíduo a buscar sexo consigo mesmo, pois o de resto o leva a frustração. Se o prazer com a mulher, deixou de ser possível, impossibilitando a restituição de seu narcisismo primário, o indivíduo se volta para objetos que no seu ideário poderia saciar suas necessidades; mas se o prazer passou a ser impossível com a esposa, isto também ocorre com a prostituta, visto que existe a mediação financeira para o “programa” colocando-o novamente frente a negação de seu prazer.

Se os tabus são exagerados com a relação as prostitutas são mais sérios e violentos com relação aos homossexuais. A homossexualidade concebida pela psicanálise e ressaltada por Adorno tem origem neurótica, onde o indivíduo teve uma intensa identificação com a figura materna. Os ataques a homossexualidade parece distanciar algo que está bem próximo, como é destacado os relacionamentos interpessoais de uns com os outros. Para se relacionar, o indivíduo indiferencia o outro, não distingue sexualmente, iguala a todos num mesmo patamar, isto é homossexualiza. Daí uma das contradições, se por um lado o indivíduo particulariza o objeto amado, a sociedade industrial suscita a homogeneização, reforça para a indiferenciação, tudo se transforma em igual: a música, a diversão, os objetos de consumo, como as mais diversas formas de violência a exemplo o próprio preconceito aos homossexuais. Mas o fato é que são atacados por serem “diferentes”, por representarem a própria homossexualidade manifesta existente nas relações entre todos, como também das pulsões sexuais recalçadas pelo indivíduo que denuncia aos seus próprios desejos, a exemplo os recentes ataques no país de grupos neonazistas aos homossexuais, negros, nordestinos e judeus. Se pensarmos que a indiferença, desensibiliza, naturaliza a dominação frente as pulsões sexuais, reforçando a dessexualização da sexualidade, convertendo em algo não livre, devemos balizar que a diferenciação como ocorre destas ditas “minorias” reforça a discriminação, no sentido mais negativo da palavra, isto é a particularização para fins de extermínio.

Não há justificativa, a violência como o abuso sexual marca a vida de qualquer um, mas após a segunda grande guerra – especialmente o terror “vivido” nos campos de concentração – houve uma diluição da violência e hoje ela está presente em todos os cenários de nossa vida cotidiana; é a pura manifestação de nossa irracionalidade, onde escolhemos ou somos obrigados a escolher a violência que menos nos fere, a menos nociva, tornando-nos insensíveis em situações de extrema agressividade. Esta naturalidade é reforçada pela banalização da violência que assistimos em nossa mídia, o real torna-se irreal, operacionalizando conceitos num pseudomundo, onde a forma é mais importante que o conteúdo. O espetáculo da violência é para os consumidores que pensam viver, somos conscientes do poder que a televisão, o jornal e a música exerce sobre nossas vidas, mesmo assim não deixamos de aderir e prestar fascínio a estes veículos da (in)comunicação; nós a cada momento, identificamos com o que a cultura produz para nós mesmos, estamos no mesmo patamar da vítima e do agressor.

É fácil apontar os culpados do abuso sexual, responsabiliza-los é um dever da justiça, retirar os aspectos sociais e históricos que constitui o “abusador”, é amputar uma das mãos da mesma forma que se fazia com os criminosos do passado, diminuir a pena considerando-o semi-imputável também não resolve o problema. Adapta-lo ao sistema é uma ilusão que a psicologia moderna tenta fazer, assegura com certeza o controle efêmero da compulsividade, seja ela qual for, mas a cultura potencializa o indivíduo novamente para a descarga de suas pulsões da forma mais primitiva e irracional; neutraliza a visão altruísta do homem como um ser em transformação, despeja em nosso ser o amargo gosto de ruminar todos os dias a mesma coisa. É o que o pedófilo faz, atua em seu sintoma da mesma forma, reproduz o seu processo de vitimização.

Os indivíduos que transgridem os tabus sexuais existentes como vimos, são estigmatizados e rotulados socialmente, mas gostaríamos centrar naqueles que de alguma forma ou de outra praticam atos sexuais com crianças e adolescentes. Considerando os exageros existentes na proteção a criança e o adolescente, como nosso próprio país que recentemente aprovou uma lei 8.069, o chamado “ECA”, Estatuto da Criança e do Adolescente, despertando uma brutalização contra aqueles que violam estes direitos, responsabilizando-o jurídico-criminalmente, estes defensores além de identificarem com as vítimas, pois todo mundo um dia foi criança e imaginariamente uma criança dotada de pureza, ingenuidade e desprovida de sexualidade, atacam contra os agressores com fossem defender a si mesmo. Estes “abusadores” são pessoas perversas, obscenas, taradas e infelizes como dizem, mas podem significar os sentimentos incestuosos, existentes em cada um de nós, visto que o abuso sexual

---

<sup>2</sup> Erro-tizados: Alusão a palavra erotizados, erotização como um erro, um desvio de Eros, da sua própria finalidade de saciar o prazer e o desejo.

ocorre em sua grande maioria no seio familiar. Se Freud, foi um dos cientistas que desvelou a questão dos desejos proibidos, apontando para o que foi denominado pela psicanálise de “Complexo de Édipo”, embora em fantasia estes elementos estavam presentes. Podemos inferir que este abusador muitas vezes pode (re)produzir a violência e a dominação da sociedade em seu mundo particular, demonstrando sua “potência” que substituindo a impotência que sente diante da vida, a exemplo do que foi citado anteriormente. Como a sociedade burguesa incrementa as tendências já existentes no indivíduo, e este se identifica com os modelos preestabelecidos, consumindo a ideologia dominante e como as pulsões sexuais de alguma forma, necessitam ser satisfeitas, o indivíduo se volta para objetos de fácil gratificação (no seu ideário) como as crianças, os jovens, as prostitutas ou a masturbação. Se as prostitutas o levam a frustração, as crianças e os jovens, que de certa forma representam a vitalidade das pulsões sexuais também o leva a culpa (estamos falando de neuróticos), e o indivíduo faz por dominação e não por prazer, aprisiona sua vítima, coagindo, ameaçando, aterrorizando, exerce sobre ela a violência psicológica, sem perceber ou melhor percebendo da prisão que está submetido.

### **Um Abuso Consentido**

Existem corpos redondos,  
torneados e consistentes,  
Alguns cadavéricos,  
Outros musculosos e duros,  
....chegam a ser enormes.  
Diferentes dos pequenos,  
Frágeis e dóceis,  
No entanto são corpos....  
....feios e bonitos,  
brancos, negros ou amarelos.  
Engraçados pela desproporção ou  
anatomicamente perfeitos,  
alguns amputados pelo desastre,  
outros não tiveram como florescer,  
mas são corpos,  
únicos e singulares,  
especialmente só tem um dono,  
em tese....  
pois todos querem possui-lo,  
desperta o desejo....  
....de invadi-lo.  
Mas o corpo quer consciência,  
não através da dor,  
da agressão.  
O corpo quer ser bem tratado,  
mas não o tratamento ilusório,  
quer se agregar a mente,  
se possível.  
É impossível,  
pois a razão se encontra ,  
quando o corpo desencontra,  
momento que perdeu a vitalidade,  
enquanto que a maturidade....  
....desencanta a verdade.  
Quando percebemos,  
já fomos invadidos  
e a violência  
que nos mata,  
é a mesma  
que nos afasta.

Marcelo Moreira Neumann

*As idéias aqui apresentadas são de inteira responsabilidade do autor*